



Alice Vieira Uma identidade poética

## Alice Vieira, novo livro de poesia



“Um pequeno livro, com poemas muito grandes, como sempre”, adianta. *Os Armários da Noite*, o terceiro volume de poesia de Alice Vieira, edição Caminho, de que junto pré-publicamos um poema, vai chegar em breve às livrarias. A escritora e jornalista, 71 anos, um dos nomes mais reconhecidos e premiados no domínio da literatura para jovens e crianças, com títulos de referência como *Rosa*, *Minha Irmã Rosa*, dezenas de obras publicadas para leitores de todas as idades, incluindo romance e crónica, regressa com a sua voz poética, aquela que mais tardiamente revelou. E é tão distinta na sua escrita que se interroga se não devia ter criado um heterónimo, como ironiza.

Sob o título *Os Armários da Noite*, ‘roubado’ a Nuno Júdice, juntou uma série de poemas, divididos em conjuntos que remetem justamente para ‘armários’, “coisas que se descobrem e se escondem”, ou ‘paisagens’, para terminar com um divertimento sobre o Borda d’Água, uma versão em verso do seu conteúdo que a escritora, uma leitora de sempre, fez. Por graça, partilhou-o no Facebook, lançando o desafio à adivinhação da autoria e atribuíram-lhe célebres filiações, mas ninguém suspeitou que se tratasse do Borda d’Água rimado. Dando largas à sua ironia e humor, traço do seu bom espírito, Alice Vieira decidiu incluir esse exercício poético singular no livro. São de resto todos poemas recentes os que agora publica, até porque segue fielmente o conselho que um dia lhe deu a amiga Rosa Lobato Faria: “Quando acabares um livro, deita sempre fora o que sobrou”. As suas gavetas não têm sobras, nem inéditos de longa data.

Alice Vieira escreve os poemas e só os poemas à mão: “Sempre dou uso às canetas”, graceja. E tem muitas na sua coleção. Só mais tarde passa os manuscritos ao computador e aí começa o trabalho de “oficina”, a reescrita, o ajustar das palavras, dos silêncios, a expressão gráfica na página, o partir do verso, os brancos, aspetos a que dá muita importância. A prosa não lhe exige tanta minúcia. Senta-se ao computador e escreve. E quando é preciso. Já um verso vem súbito no rasto de uma frase, de uma imagem, de uma memória. Em *Os Armários da Noite* na parte que tem que ver com lugares – e são os de uma geografia muito íntima, inclui por exemplo um poema sobre o Jardim Constantino, que lhe surgiu lá mesmo, enquanto esperava a hora de ir buscar os netos. “Estava sentada e percebi que em frente era a casa onde tinha nascido e comecei ali mesmo a escrever”. Um outro desse

conjunto refere-se à Ericeira, onde viveu durante um período duro da sua vida, e foi desencadeado por uma antiga fotografia, outro lembra Caminha, uma série uma viagem à Argentina.

A poesia é qualquer coisa de ‘seu’, garante Alice Vieira. Sente-a cada vez mais como uma expressão muito autêntica da sua escrita, aquela em que melhor se “encontra” a si própria. “É parte de mim”, salienta. “Tanto que por vezes nem suporte ouvir os outros lerem-na, o que é um disparate, mas dá bem a medida do que sinto”. Daí que faça questão de sublinhar sempre que os seus poemas não são para crianças ou para jovens como as suas histórias, mas para adultos.

*Os Armários da Noite* estão na mesma linha dos dois anteriores livros de poemas que publicou, *Dois Corpos Tombando na Água* e *O Que Dói às Aves*. Há uma “continuidade” que facilmente neles se desvenda. Quer a nível das temáticas, quer em termos formais e de dimensão: poemas sempre longos, que não sabe escrever curto, como diz rindo. Uma identidade poética que pode agora ser aferida comparando os três livros, já que vão sair simultaneamente reedições dos títulos anteriores, que estavam esgotados. **JL MARIA LEONOR NUNES**

### É DIFÍCIL CONCORDO

é difícil concordo conjugar este verbo insensato e tardio que de repente se atravessou no meu caminho

e talvez os adjetivos já não tenham a cor sólida e definida das horas em que desesperavas de mim no jardim da parada

e vendo bem os advérbios talvez sejam os únicos culpados de tão vagarosamente termos aberto a porta certa

mas o tempo sabes encontra sempre nas estradas ocupadas por velhos destinos uma nova gramática para os dias que entram no calendário quando já ninguém os esperava

## Festival Motelx e MUVI Liberdade ao terror

■ E à 8.ª edição ao Motelx invade a Avenida da Liberdade. Depois de sete anos bem-sucedidos apenas no Cinema São Jorge, o Festival Internacional de Cinema de Terror de Lisboa alarga a sua programação a outro espaço da grande artéria lisboeta, o Teatro Tivoli, num claro sinal de crescimento. De 10 a 14, vão ser cinco dias com muitos filmes, homenagens, retrospectivas, masterclasses, workshops e debates.

Álex de la Iglesia e Brian Yuzna são dos nomes em destaque na programação deste ano. Os realizadores vão ser homenageados pelo festival, em sessões especiais e encontros com os espetadores. Nascido em Bilbao, em 1965, Álex de la Iglesia é um dos mais conceituados realizadores espanhóis, tendo presidido à Academia de Cinema Espanhol entre 2009 e 2011. No Motelx passam três momentos importantes da sua cinematografia: *The day of the beast* (1995), *Common Wealth* (2000) e *Witching & Bitching* (2011). Do filipino Brian Yuzna celebra-se os 25 anos de *Society*, considerado um clássico do género. A este junta-se *Bride of*

de clássicos da literatura negra portuguesa. “O cinema de terror nunca criou raízes em Portugal, em grande parte pela inexistência de condições para a criação industrial de filmes, mas também pela falta de tradição do género na literatura, a grande fonte de adaptações cinematográficas”, defendem os organizadores. “Apesar da inexistência de uma tradição, existem todavia exceções na forma de contos. Estas tentativas ficaram conhecidas por várias designações tal como poesia tumular ou literatura negra.” São os casos de *O Cerro dos Enforcados*, de Fernando Garcia, feito a partir de *O Defunto*, de Eça de Queirós, e *Os Canibais*, de Manoel de Oliveira, que tem como base a obra homónima de Álvaro do Carvalho. A nível nacional, é de assinalar ainda os as 13 curtas-metragem que concorrem ao Prémio Motelx, sinal de uma certa vitalidade deste género.

Entretanto, já esta semana, entre os dias 3 e 7, o São Jorge recebe a primeira edição do MUVI, o Festival Internacional de Música no Cinema. Entre longas-metragens, curtas-metragens e videoclipes, são quatro dezenas de sessões. A abrir, *Our Vinyl Weighs*



O Cerro dos Enforcados, de Fernando Garcia Clássico do cinema de terror português

Re-Animator, que produziu no mesmo ano, e *The Dentist*, de 1996. Em conjunto, perfazem um retrato de um cineasta adepto do gore e dos efeitos especiais.

Fabrice du Welz, Takashi Miike, Gareth Evans, Greg McLean, Lucky McKee, Nacho Vigalondo, a dupla Maury/Bustillo e Alejandro Jodorowsky são alguns dos nomes que compõem a secção panorâmica do festival (chamada Serviço de Quarto), que engloba 20 filmes de 2014. De destacar é ainda a secção O Quarto Perdido, que este ano é dedicada às adaptações cinematográficas

a *Ton*, Jeff Broadway, sobre o selo Stones Throw Records. A fechar, *Anyone Can Play Guitar*, de Jon Spira, sobre a cena musical de Oxford, o que inclui entrevistas a bandas como Radiohead, Supergrass, Ride, Swervedriver, Foals, Talulah Gosh, The Candyskins ou Unbelievable Truth. Destaque ainda para *Good Ol’ Freda*, de Ryan White, sobre a secretária dos Beatles. Em competição, vão estar longas e curtas-metragens, nacionais e estrangeiras, de 2013 e 2014, bem como videoclipes de ficção ou animação. **JL**